



FOTOS SÉRGIO BEREZOVSKY

Em 50 minutos, um homem derruba com a moto-serra um angelim-da-mata que tem 200 anos de vida

Ambiente

A grande derrubada

O maior desmatamento de todo o mundo afeta a região onde a usina de Tucuruí formará seu gigantesco lago dentro de dois anos

Quando a hidrelétrica de Tucuruí — a quarta maior usina do gênero do mundo e a segunda do Brasil, superada apenas por Itaipu — formar em 1983 seu imenso lago de 2 160 quilômetros quadrados sobre o rio Tocantins, em plena selva amazônica, 2,8 milhões de árvores da mais rica e exuberante floresta do mundo terão sido abatidas. A sentença de morte começou a ser executada em março pela Caixa de Pecúlio dos Militares (Capemi), empresa vencedora da concorrência pública aberta no ano passado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvi-

mento Florestal (IBDF) para a exploração dessa madeira.

“Esta é seguramente, no momento, a maior derrubada de uma floresta em todo o mundo”, diz o suíço Paul Lehmann, um dos técnicos do banco francês Lazard Frères, sócio da Capemi no desmatamen-

to. O Lazard Frères consumirá ali 100 milhões de dólares e, aliado à Capemi, deverá faturar até 1984 cerca de 580 milhões de dólares com a exportação de carvão vegetal e madeira. Segundo especialistas no ramo, esse colossal despejo de madeira sobre a lei da oferta e da procura

poderá provocar desabamentos de preços no mercado mundial.

O desmatamento das cercanias de Tucuruí, na verdade, é um melancólico mas indispensável item no vasto cronograma de uma hidrelétrica que empurrará o país para a frente. Sem a ação das moto-serras, que no

No desmatamento, 800 homens, 150 máquinas e 250 moto-serras



momento destroem centenários ange-lins-da-mata e castanheiras-do-pará (ver o quadro), não seria viável a exploração do ferro na serra dos Carajás nem a construção da ferrovia eletrificada que o transportará ao porto de Itaquí, 900 quilômetros além, ou a produção de alumínio dos projetos da Albrás e da Alcoa. Assim, caso não fosse decretada pelos dentes das máquinas, a morte das árvores ocorreria pelo dilúvio. “Tucuruí nos dará o *know-how* para a exploração madeireira em todas as áreas a serem inundadas por lagos de hidrelétricas na Amazônia”, lembra Mauro Reis, presidente do IBDF. Até o final desta década, outras cinco usinas erguerão suas silhuetas no meio da floresta.

ARCA DE NOÉ — Paradoxalmente, poderiam ocorrer desequilíbrios ecológicos se a floresta ali permanecesse como nos



FOTOS SÉRGIO BEHEZOVSKY

tempos da criação. “Os troncos das árvores submersas não constituem problemas mais graves”, explica Paulo Nogueira Netto, secretário especial do Meio Ambiente, “pois não se decompõem sob a água.” Mas adverte: “Problema maior causam os galhos das árvores, as folhas, as plantas moles, os cipós, que se degradam rapidamente na água parada e consomem muito oxigênio”.

O déficit de oxigênio, segundo Nogueira Netto, seria fatal para a maior par-

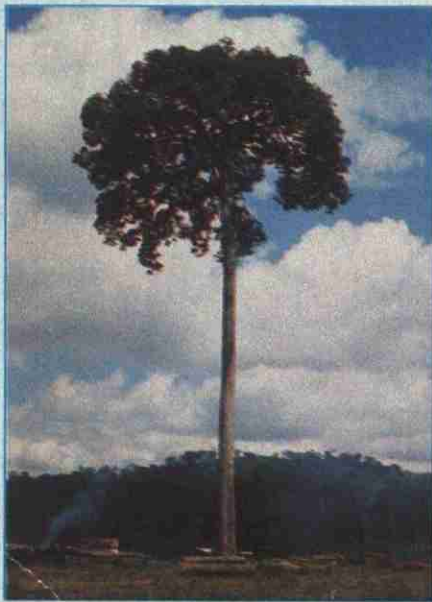
te das 182 espécies de peixes que o lago de Tucuruí resgatará do rio Tocantins — e, de quebra, permitiria “a produção de enormes quantidades de metano e gás sulfídrico”. Além disso, informa o cientista Antônio dos Santos, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), a presença do metano e do gás sulfídrico causaria transtornos ao desempenho da hidrelétrica de Tucuruí. “Esses gases favorecem o desenvolvimento de duas ou três bactérias que poderiam bloquear inteiramente o sistema de refrigeração das turbinas”, diz. Foi o que aconteceu, por exemplo, nas usinas de Curuá-Una, no Pará, e de Brokopondo, na Guiana, as primeiras a serem construídas em regiões de floresta tropical.

Preocupada com tais precedentes, a

Árvores de 60 metros que vivem 200 anos

A exploração de madeira na área a ser inundada pelo lago de Tucuruí não configura apenas a maior devastação florestal em curso no mundo — representa, também, a mais maciça derrubada da castanheira-do-pará, uma árvore de crescimento moroso mas que pode alcançar 60 metros de altura. Seus frutos têm alto valor comercial e, por isso mesmo, a legislação teoricamente a protege das motoserras. A exceção aberta em Tucuruí, onde a castanheira-do-pará cobre aproximadamente 40% da mata, dará à Capemi a posse de uma madeira rara, de cerne rosado, fácil de trabalhar, usada até a década de 50 na construção civil, na forma de vigas, caibros e ripas.

Depois da castanheira-do-pará, a árvore mais comum na área é a melanciaira, também de porte frondoso, que ocupa 12% da floresta. Ainda po-



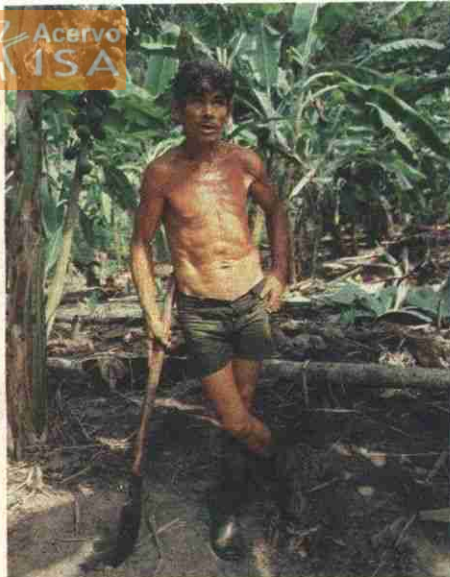
Castanheira: protegida só na lei

de ser encontrado em Tucuruí o soberbo angelim-da-mata, com seu tronco que quatro homens não abraçam, uma das maiores e mais duradouras árvores da Amazônia: pode chegar a 60 metros de altura e vive

pelo menos 200 anos. Não existem registros mais antigos.

Há muitas outras raridades à vista: o IBDF cadastrou em Tucuruí, para um folheto promocional a ser distribuído na Europa, nos Estados Unidos e no Japão, 177 diferentes espécies de árvores nobres, das quais 44 com alta cotação no mercado mundial. São árvores como andiroba, cedro e sobretudo o mogno, utilizadas para a fabricação de móveis finos. Outras 29 espécies são menos conhecidas — entre elas estão a copaíba, o marfim, o mata-matá e a urucuna.

Em matéria de preço, o metro cúbico, em tora, de castanheira-do-pará chega ao porto de Belém, por onde a madeira de Tucuruí será exportada, a 2 200 cruzeiros enquanto o mogno alcança 7 000 o metro cúbico e o angelim-da-mata, 4 000. No mercado do sul do país, os preços são quatro ou cinco vezes mais altos. É tamanha a quantidade de madeira a ser derrubada em Tucuruí que a Capemi será obrigada a construir algumas dezenas de quilômetros de estrada só para tirá-la dali.



Queiroz: a ameaça de reprisar Noé

Eletronorte estuda o que fazer com os 150 000 hectares de cobertura vegetal onde o desmatamento ainda não foi autorizado — a concessão da Capemi abrange apenas 65 000 hectares. Talvez já não haja tempo para outra solução que não seja o de condená-los ao grande naufrágio de 1983. A própria Capemi corre contra o relógio, e alguns técnicos apostam que a empresa não conseguirá desmatar totalmente a área que lhe foi con-



FOTOS SÉRGIO BEREZOVSKY

Nas proximidades de Tucuruí, algumas árvores já sepultadas pelas águas

fiada. Até a semana passada, mobilizando um exército de 800 homens, 150 máquinas e um arsenal volante de 250 moto-serras, a Capemi já extraía perto de 120 000 metros cúbicos de madeira — muito pouco, se comparados aos 9,5 milhões de metros cúbicos que cobrem a área.

O grande lago de Tucuruí não afetará apenas a vida das plantas e dos animais da região — 12 000 pessoas terão de

sair dali até 1983. A remoção já começou mas muitos posseiros avisam que não pretendem arredar pé do lugar. Lindolfo Ferreira de Queiroz, um cearense de 57 anos que vive ali desde 1953, promete construir uma casa sobre troncos de castanheira e, numa canhestra reedição amazônica da arca de Noé, navegar ao largo das turbinas de Tucuruí “enquanto for possível”.

RAYMUNDO COSTA, de Tucuruí